



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



O BEM AMADO: Povo, meios de comunicação de massa e relações de poder na adaptação do texto teatral para o cinema

Dislene Cardoso de Brito

Doutoranda em Literatura e Cultura – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professora Língua Portuguesa/ Língua Inglesa – Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia Baiano- IFBAIANO- Campus Valença- BA

dislenecardoso@hotmail.com

Resumo

O estudo apresenta uma análise do filme *O Bem Amado*, uma obra de Dias Gomes, escrita na década de 1960 e adaptada para o cinema em 2010. A análise centraliza-se na participação do povo no filme, observando as relações de poder entre os grupos políticos e a população de Sucupira, bem como a mediação estabelecida através dos meios de comunicação de massa presentes nos filmes, notadamente o *Jornal A Trombeta*. Busca-se verificar a importância da atuação desse personagem-tipo na construção da narrativa, tendo como aporte teórico autores dos estudos culturais, tais como Martin-Barbero (2009) e Michel Foucault (2009), além de estudiosos da área da teoria da adaptação.

Palavras-chave: O Bem Amado; Povo; Meios de Comunicação; Poder

Introdução

O cinema está impregnado da literatura. É cada vez mais crescente o número de textos literários adaptados para o cinema. O interesse na convergência destas duas linguagens surgiu da popularidade de filmes baseados em obras literárias famosas. As múltiplas leituras de uma obra possibilitam uma liberdade de adaptações no cinema, enriquecendo a obra original ao mesmo tempo em que se produziu o surgimento de uma nova obra, através de um processo de dialogismo intertextual (STAM, 2008).

Sem considerar os demais gêneros literários adaptados para o cinema, o estudo que segue faz uma análise da adaptação de peças teatrais para o cinema. A pesquisa tem como objeto de análise o filme *O Bem Amado*, texto teatral de Dias Gomes adaptado para o cinema em 2010, dirigido por Guel Arraes. Trata-se de uma narrativa que conta a trajetória de um político no

interior do nordeste brasileiro, Odorico Paraguaçu. A trama gira em torno da construção e inauguração de um cemitério na pacata cidade de Sucupira. A ausência de um defunto e os desmandos políticos de Odorico, aliado às ações opositoras de Vladimir de Castro, vão desencadear terríveis consequências na vida do prefeito, culminando com sua morte no final da narrativa, para enfim dar ao cemitério seu primeiro morador, o mais ilustre de todos: o bem-amado do povo.

Escolheu-se trabalhar com a obra de Dias Gomes, devido à importância desse dramaturgo no cenário literário e midiático no Brasil e em outros países, visto que suas produções são mundialmente conhecidas. A trajetória de Dias Gomes (Salvador, 1922 – São Paulo, 1999) é conhecida do grande público pelas novelas produzidas para a rede Globo nas décadas de 1960-1970. Porém, a grandiosidade de sua obra está no teatro. Considerado como um dos mais importantes dramaturgos brasileiros, Dias Gomes produziu textos para os diversos veículos de comunicação: teatro, rádio, cinema e televisão.

No teatro, o dramaturgo pode exercer toda a sua inventividade e sensibilidade, abordando temáticas sociais da sociedade brasileira, dando voz aos excluídos, principalmente aos nordestinos.

Buscava apresentar, através de seus textos, não apenas a diversidade cultural nos mais recônditos lugares do nordeste, mas também as mazelas da população, transformando sua arte em um instrumento de conscientização da condição humana. Sua obra é vasta e diversificada, seus textos apresentam características singulares: consegue transpor de uma mídia a outra sem perder a essência do texto produzido.

A obra *O Bem Amado* nasceu como peça teatral, em 1962. Foi para a televisão, em forma de novela em 1973, transformando-se em um marco da televisão brasileira. Primeira novela a mostrar personagens e histórias genuinamente brasileiras, foi transmitida posteriormente para canais do exterior. Devido ao sucesso da novela, *O Bem Amado* retornou à televisão numa configuração de seriado, ficando ao ar entre 1980 e 1984, com 220 episódios. O cinema só iria conhecer as aventuras e desventuras de Odorico Paraguaçu meio século depois de sua criação. A distância temporal não trouxe prejuízo na contextualização da obra, de forma que o político de Sucupira e suas armações para tornar-se “o bem amado” do povo ainda se mantêm presente na sociedade brasileira. Odorico é a representação máxima do político corrupto das cidades do interior, que apesar do processo de escolha democrática de representantes políticos, ainda se mantêm no poder com a anuência da população.

Ao traduzir a obra de Dias Gomes, o cinema conservou o projeto inicial do dramaturgo: a farsa sócio-político-patológica, como é identificada pelo próprio escritor, sinaliza a preocupação do dramaturgo com o povo brasileiro. Dias Gomes, sem descuidar da estética do texto, apresenta com humor uma história, onde vida e morte se entrelaçam na vida cotidiana. O humor também se faz presente na representação do político brasileiro. O filme, que é um misto de comédia, drama e tragédia, apresenta personagens-tipo, representativas do período histórico da obra: o Brasil da década de 1960.

No filme, esses personagens ganham destaque em sua *performance* individual, cabendo uma análise aprofundada de cada um, dada a complexidade dos papéis desempenhados na trama. São personagens que individualmente podem ser tomados como elemento simbólico na compreensão da sociedade brasileira, mas que carregam uma densidade que extrapola a barreira nacional para se constituírem elementos universais: Odorico Paraguaçu, Neco Pedreira, Vladimir de Castro¹, as irmãs Cajazeiras, Dirceu Borboleta e Zeca Diabo, formam o elenco principal do filme, os quais são responsáveis pela construção da narrativa. Para esse estudo, porém, o foco de análise não será nenhum personagem acima listado, apesar deles serem essenciais na compreensão da trama. Nessa análise, escolheu-se trabalhar com um personagem, que apesar de se apresentar no coletivo, é aqui tomado como um único corpo, portanto individual: o povo de Sucupira.

Tomado como personagem-tipo, a presença do povo no filme traz uma nova percepção da obra de Dias Gomes, visto que não há um povo em presença física na peça teatral. O povo que se faz ausente no teatro², é elemento crucial no filme, é ele quem determina o destino de Odorico Paraguaçu e da própria Sucupira.

A ausência do povo no teatro contrasta-se com a abundância no cinema. No filme, a participação do povo é elemento essencial na condução da narrativa. O destino de Odorico Paraguaçu é construído em função da atuação do povo. A análise busca compreender a atuação desse personagem-tipo – representante do povo oprimido do Brasil- que no filme sofre influências dos meios de comunicação de massa – jornal, cuja ideologia conduz as ações

¹ No texto dramático não existe esse personagem, todas as ações de Vladimir de Castro pertencem a Neco Pedreira. O diretor do filme cria dois personagens para o Jornal A Trombeta, para apresentar posicionamentos ideológicos distintos, visto que no filme, Neco represente a voz consciente da imprensa;

² Teatro, segundo Dias Gomes (2009), a arte da síntese: “De todas as minhas peças, foi esta a que teve vida mais acidentada. Sua primeira versão data de 1962. Do tempo em que escrever uma peça com 15 personagens e esperar que ela fosse encenada não era, como hoje, sinal evidente de desajustamento ou debilidade mental, reclamando para o seu autor internamento urgente numa clínica especializada. Hoje, os empresários não leem mais peças, contam personagens. E quando estas excedem de três, olham para nós com cara de espanto.” (GOMES, 2009, p. 7)

da narrativa. No filme, o jornal representa muito mais que um meio de comunicação de massa, mas um instrumento mediador de uma classe que se diz “pensante” e da classe popular, que no próprio nome carrega a estigma de “inculta”.

Busca-se verificar a influência dos meios de comunicação de massa no comportamento do povo sucupirano, verificando no filme a atuação desse meio na construção de sua identidade cultural. Observa-se que a influência da mídia molda o comportamento individual, produzindo um coletivo baseado nos ideais de uma determinada classe social, ou seja, os meios de comunicação de massa são produtores de uma identidade social, pautada na ideologia daqueles que detêm o poder sobre as massas. Entretanto, não se pretende afirmar que o povo de Sucupira é destituído de poder, que as pessoas se movem no filme como uma massa amorfa. Como afirma Foucault (2009), os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social. Os micro-poderes, de que fala o filósofo, existem ou não integrados ao Estado. Assim, pode-se falar em relações de poder no filme, não apenas o poder dos que governam e dos que detêm os meios de comunicação de massa, mas o poder que está nas massas, nas relações que o povo estabelece com o grupo da situação e o da oposição de Sucupira, assumindo um papel catalisador dos eventos da cidade, cabendo ao povo reescrever sua história.

O CINEMA: criatividade e dialogismo intertextual

Deixando de lado os entretantos e partindo para os finalmentes
O Bem Amado – Dias Gomes

A preocupação em apresentar os problemas coletivos da sociedade, levou Dias Gomes produzir uma arte engajada tão rica que extrapolou os muros do teatro - ainda visto como um espaço segregador de cultura - indo para a televisão – meio de comunicação de massa, logo espaço popular. Em seguida, o cinema percebeu sua importância na divulgação da produção literária brasileira e adaptou as principais peças teatrais de Dias Gomes para o cinema, a exemplo das obras *O pagador de promessas* e *O Bem Amado*.

Observando a produção cinematográfica desde a segunda metade do século XX, percebe-se um crescente número de obras literárias, tais como romances, contos, novelas e peças teatrais, adaptadas para as telas. O cinema, uma espécie de registro da vida cotidiana, descobriu que também podia ser usado para contar histórias e a vastidão e riqueza das obras literárias proporcionou essa aproximação das artes. É preciso pontuar que cinema e literatura pertencem a meios distintos, portanto, o olhar de quem ler uma obra e assiste a um filme deve ser

distinto, a fim de evitar uma visão fechada de obra adaptada, centrada em uma “fidelidade” do texto original. De acordo com Robert Stam (2008):

Uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação. A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (STAM, 2008, p. 20)

Compreender as particularidades do filme em relação à obra é crucial na análise que se pretende fazer. Em *O Bem Amado*, os recursos do cinema, listado por Stam produzem um efeito de sentido muito diferenciado, se comparado ao texto dramático. Começando pela trilha sonora, as canções selecionadas estão intimamente relacionadas aos personagens e às histórias que se desenvolvem paralelamente, a exemplo da música Carcará, de Zé Ramalho, tema do personagem Zeca Diabo (José Wilker). No filme, o cangaceiro Zeca Diabo tem grande importância no destino dos prefeitos de Sucupira, pois é ele quem sintetiza a vontade do povo em acabar com um prefeito corrupto; Zeca Diabo literalmente o faz. Assim como o carcará da canção, ele é o homem animalizado, forçado a ficar à margem da sociedade e sobreviver no sertão. Mas carcará é bicho forte, de muita coragem que “pega mata e come”. É a força do sertanejo presente no filme. No entanto, trata-se de uma força humanizadora e consciente, pois Zeca Diabo é quem compreende o sofrimento do povo pobre, porque ele também é um deles. O personagem ganha destaque à medida que toma consciência dos direitos do povo e deveres dos governantes. Se ele inicia matando por vingança o prefeito Lidário Gouveia – por ter surrado até a morte seu irmão mais novo – todos os crimes cometidos são perdoados no final da narrativa, quando Zeca Diabo faz justiça para fazer valer a vontade da população de Sucupira, dando fim à vida de Odorico.

Outra música de grande importância para a análise do povo no filme é o *Jingle de Odorico*, da compositora Nina Becker. Essa canção, tema da campanha de Odorico à prefeitura de Sucupira, representa as estratégias discursivas utilizadas por políticos em época de eleição. A letra do jingle representa uma autoafirmação de Odorico, que se posiciona como o grande líder. Na letra, Odorico é comparado ao imperador D. Pedro II, no dia do Fico: “se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico”. Assim, a imagem de mártir, de líder, de cristo ressuscitado vai sendo construída em torno do personagem, que conhece o poder do povo e dele necessita para se manter no poder.

Com relação às imagens, muitas são importantes na análise do filme, remetendo-se ao foco de estudo, cita-se uma imagem de grande importância para compreender o apoio massivo ao candidato Odorico Paraguaçu, que entra na prefeitura nos braços do povo. Nas cenas iniciais, a população caminha quilômetros para enterrar o falecido prefeito. Odorico percebe na ausência de um cemitério em Sucupira a estratégia de campanha eleitoral e aproveita aquela multidão em cortejo fúnebre, para fazer seu discurso de campanha. Assim, se aproxima da cruz de madeira localizada estrategicamente no centro da praça de Santana, e colando sua imagem a de Cristo, evoca o povo a eleger um salvador da miséria social em quem vivia aquela agente.

Os elementos listados por Robert Stam na adaptação fílmica apontam para uma mudança de percepção no que se refere às obras adaptadas para o cinema. Não há como pensar em “fidelidade” do filme em relação à obra, pois, além do olhar do diretor, há uma série de fatores que influenciam na produção fílmica. Além disso, a obra é aberta, ela se caracteriza por uma multiplicidade de sentidos, devido ao seu caráter subjetivo. Qualquer texto literário pode gerar uma infinidade de leituras, assim também qualquer romance pode gerar uma diversidade de adaptações: “[...] uma adaptação não é tanto a ressuscitação de uma palavra original, mas uma volta num processo dialógico em andamento. O dialogismo intertextual, portanto, auxilia-nos a transcender as aporias de ‘fidelidade’.” (STAM, 2008, p. 21). Buscar fidelidade do texto no cinema impossibilita o leitor/ espectador de observar o quanto o filme pode embelezar o texto ou mesmo trazer novas perspectivas de ponto de vista, reatualizando a obra. (BORGES, 2011). Assim, é essa reatualização da obra *O Bem Amado*, de Dias Gomes que norteia a análise do filme.

O filme inicia-se com imagens e relatos da política brasileira. O narrador vai apresentando fatos do cenário político da década de 1960 enquanto apresenta a trajetória política de Odorico Paraguaçu. Ao utilizar tal recurso, o diretor pretende estabelecer um pacto de validade do filme com o telespectador. Misturando ficção e realidade, busca confundir o telespectador, produzindo um efeito de verdade no filme. Para compreender a verossimilhança no cinema, Stam traz uma problematização ao abordar o realismo cinematográfico no cinema. As definições mais ortodoxas de realismo reivindicam verossimilhança, a suposta adequação de uma ficção à bruta realidade do mundo. (STAM, 2008).

O realismo cinematográfico, citado por Stam, faz-se presente no filme *O Bem Amado*. Há um registro documental sensacionalista da cidade de Sucupira, ao mesmo tempo em que se apresenta um painel da sociedade brasileira dos anos 1960, quando o Brasil passou a ser

governado pelos militares. No entanto, o narrador deixa bem claro que tudo pode estar relacionado ou não. Assim, no relatar dos fatos do Brasil que se entrelaçam com os fatos de Sucupira, o narrador já adverte:

Jango não cumprirá o mandato até o fim, nem Odorico. Os dois fatos terão consequências gravíssimas no destino do país. Esta história é a reconstituição fiel dos fatos. Ou não. (O Bem Amado – filme)

A história, ambientada numa cidade interiorana do nordeste, é passada no início dos anos 1960, narrada pelo jornalista Neco Pedreira (Caio Blat), funcionário do Jornal A Trombeta, de Vladimir de Castro (Tonico Pereira), maior opositor de Odorico Paraguaçu (Marco Nanini). O jornal representa a esquerda, com visível experiência em participação em movimentos e sindicatos. Odorico representa a direita demagoga no poder. Ambos são representados em forma de caricatura. O que os une é o povo. Ele é o personagem de grande importância no filme, responsável pelo destino da cidade.

O POVO INVADE AS TELAS: a representação do povo no filme *O Bem Amado*

O filme *O Bem Amado* foi estreado em 2010. Os produtores buscaram captar para o cinema a figura verborrágica de Odorico Paraguaçu e todas as suas artimanhas para ludibriar o povo de Sucupira e assim, manter-se no poder. Pode-se afirmar que toda a trama gira em torno do povo, visto que é ele quem inicia e finaliza a narrativa, além de ser o elemento norteador do destino dos personagens centrais da trama. Todas as ações de Odorico e de seus opositores têm o povo como elemento de destaque. O povo representa, ao mesmo tempo, poder e alienação; inteligência e ingenuidade. Age conforme os direcionamentos de seus líderes, os quais utilizam estratégias de aproximação das massas - o discurso e o jornal – como instrumentos de agenciamento. Entretanto, o povo também é símbolo de força, de poder, pois as mudanças estão em suas mãos. Essa ambivalência é importante para compreender as estratégias utilizadas pelos grupos políticos de Sucupira para entrar e permanecer no comando político da cidade.

As cenas que mostram o povo enfrentando a força policial para invadir a prefeitura e destituir o prefeito Lidário Gouveia do poder é o contato inicial do telespectador com esse personagem-tipo do filme. São homens e mulheres mal vestidos, de feições rudes, gestos primitivos, cujas ações beiram ao animalesco. São aparentemente manipuláveis, e isso é percebido nas estratégias utilizadas por Odorico Paraguaçu para chegar ao poder. Com a morte do prefeito, Odorico – representante do partido conservador – percebe no povo a força

que precisa para conseguir o poder. E é pelo discurso que ele alcança os objetivos políticos desejados. É invocando o povo que Odorico se transforma em o bem-amado da cidade, ganhando a eleição e a confiança do povo. As estratégias de convencimento que utiliza passam pelo discurso, indo até o suborno, prática comum de políticos corruptos.

Ao se posicionar na cruz, ele induz o povo a buscar um líder para a cidade. O ângulo com que aparece Odorico na cruz produz um imaginário simbólico do salvador da pátria. Aquele que veio para salvar o mundo, enfim, o homem que Sucupira precisa. Há também todo um aparato dos meios de comunicação de massa na construção da imagem de Odorico como um grande líder. A altivez do personagem presente nos cartazes de campanha simboliza a necessidade do povo em idealizar seu representante. Além disso, o jingle de Odorico, marco da campanha eleitoral, sintetiza todo o imaginário construído em torno do personagem:

O bem amado, o grande líder.
Ele é o salvador.
O povo não se esquece.
O povo tem memória.
Ainda bem que ele voltou!
O patrão.
O empregado.
O analfabeto, o doutor.
Seja macho ou seja femêa, seja o bicho que for.

(O Bem Amado - filme)

O jingle aponta para a existência de um homem do povo. Alguém em quem o povo pode confiar. E essa estratégia política ganha o voto dos sucupiranos. A invocação do povo ocorre desde a campanha até o discurso de posse, quando Odorico, em seu primeiro discurso de posse, garante a principal promessa de campanha feita ao povo: a construção do cemitério.

A linguagem pode ser entendida, por um lado, a partir de sua função na sociedade – como um meio de comunicação através do qual mensagens/informações são construídas e repassadas; mas também se pode compreender a linguagem como a própria comunicação, que é constituída na sociedade, ou seja, a linguagem reflete e refrata a própria sociedade. A linguagem tem uma eficácia propriamente simbólica de construção da realidade, isto porque estrutura a percepção que os agentes sociais têm do mundo, e como eles se relacionam nesse mundo. Nesse sentido, a língua pode então ser compreendida como um sistema simbólico que constitui dessa forma instrumentos de conhecimento e de comunicação, e, portanto, de visões de mundo, de percepção do mundo social. A força das palavras se exerce então na sua ação comunicativa, elas veiculam valores, significados, ideologias que se confrontam no cotidiano dos agentes sociais, e desse modo se configuram formas de dominação e exercício de poder.

O poder das palavras não está nas palavras. O poder não está nas palavras em si, mas na legitimidade que lhes é conferida pelos que falam e pelos que escutam. (BOURDIEU, 1996)

Odorico assume a prefeitura, mas seu governo não traz a renovação desejada pela população. Ele representa a continuidade da politicalha – do político corrupto que rouba o dinheiro público, aumentando ainda mais as mazelas sociais do lugar. E o mesmo povo que elege Odorico, junta-se ao principal rival do prefeito para derrubá-lo. Na verdade, o que se observa é uma tentativa de transferência de poder, já que Vladimir é tão corrupto quanto Odorico. Há uma tentativa de manipulação pela classe que detém os meios de comunicação e os utiliza para “formar” uma consciência política na população, condizente com a ideologia do grupo. Utilizando o jornal como meio de comunicação de massa, Vladimir inverte a imagem do bem-amado de Sucupira, através de notícias que denigrem a imagem do prefeito – algumas forjadas deliberadamente pela oposição – incitando o povo a rebelar-se. O jornal A Trombeta é utilizado no filme como instrumento de manipulação de opiniões. Vladimir dissemina histórias e fatos (falsos e verdadeiros) que vão ao longo da narrativa destruir com a imagem do prefeito, levando a população ao enfrentamento.

Repetindo a história, o ciclo da narrativa fílmica se fecha exatamente como começou: com o povo invadindo a prefeitura para exigir a saída do prefeito. E mais uma vez é Zeca Diabo quem põe fim no mandato do prefeito, fazendo exatamente como fez com o prefeito anterior. Essa circularidade dos fatos no filme sinaliza uma continuidade no destino do povo sucupirano. Indica que o próximo prefeito será a repetição do anterior, apontando o destino de Sucupira, que já carrega no nome o estigma da nação. Não é sem propósito que o escritor escolheu para aquela cidade do interior nordestino do Brasil o nome Sucupira.

Sucupira nomeia várias espécies de árvores brasileiras, as quais têm grande valor econômico, assim como foi o Pau-Brasil no período inicial da colonização brasileira. Simbolicamente, Sucupira representa o próprio Brasil, com suas mazelas sociais e descasos políticos. Portanto, a cidade Sucupira é tomada nessa análise como o microcosmo da nação. O lugar para pensar o Brasil, com toda a sua complexidade e beleza. Odorico é a encarnação mesma do Brasil. Marco Nanini incorporou com grande perfeição o projeto literário de Dias Gomes, que desejava apresentar em sua dramaturgia um retrato da realidade brasileira:

[...] Odorico Paraguaçu é um tipo político que – embora a prática das eleições pareça já coisa do passado – é bastante comum, não só no interior como nas grandes cidades. [...] e não se pense que a proibição do povo de eleger livremente seus candidatos nos livra dos Odoricos provincianos ou citadinos, estaduais ou federais. (GOMES, 2009, p. 8)

A fala de Dias Gomes já sinaliza o caráter global de sua obra, representada com igual percepção no cinema. O grau de demagogia e paranoia pode ser variável, mas a essência é a mesma. No mesmo texto, Dias Gomes faz uma reflexão sobre a existência desse tipo de político na nação: “Eles existem e continuarão existindo, com maior ou menor extroversão, porque são frutos, não da prática da democracia, mas da alienação e do oportunismo dos governantes, eleitos ou nomeados, escolhidos ou impostos.” (GOMES, 2009, p. 8)

Quanto ao povo sucupirano, a força com que aparece no filme extrapola as fronteiras do Brasil para ganhar o mundo. Sem perder a beleza do local onde as ações acontecem, pode-se afirmar que representa o povo de todas as nações, onde a população é influenciada pelos mesmos meios de comunicação, os quais servem como mediação entre as lideranças e a população, confirmando o pensamento de Martin-Barbero na obra *Dos meios às mediações*, onde afirma ser as massas a chave dos tempos modernos. Em contrapartida, os meios de comunicação instauraram um espaço de tensão e de debate, produzindo uma consciência coletiva, cujos membros estavam dispostos a produzir mudanças efetivas no sistema de poder instaurado. Com isso, pretende-se dizer que a mídia não só produz alienação, ela contribui para o descortinamento de verdades até então camufladas.

O Povo, os meios de comunicação e as relações de poder no filme *O Bem Amado*

Em sua obra *Discorsi*, Maquiavel afirma que embora ignorante, o povo sabe distinguir a verdade. O povo representa a mais potente ameaça contra as instituições políticas, pois ele representa desordem civil. E tal desordem é causada pelo desejo de mudança. São as necessidades em comum que aproxima as pessoas em torno de um único ideal. De acordo com Rousseau (apud MARTIN-BARBERO, 2009), uma sociedade moderna não é pensável se não constituída a partir da vontade geral, e essa vontade é por sua vez o que constitui o povo como tal. Entretanto, a “ignorância” do povo, como assim afirma Maquiavel, produz na sociedade uma divisão de classes, que exclui o povo do poder e da cultura, posicionando-o como arcaico e inculto.

Esse pensamento foi alimentado por muitos séculos, mas perdeu o sentido com o advento da modernidade, quando os meios de comunicação se expandiram, e, aliados aos aparatos tecnológicos destruíram as fronteiras que separavam nações, possibilitando quebras de paradigmas até então sustentadas pelas elites nacionais detentoras do poder. Na aldeia global em que se transformou o mundo, nada acontece que não envolva todas as camadas sociais. A globalização unificou e aproximou as pessoas em torno de uma alma coletiva de massa. De

acordo com Martin-Barbero (2009), a nova visão sobre a relação sociedade/massa encontra no pensamento de Toqueville seu primeiro esboço. Se antes se situavam do lado de fora da sociedade, vistas como turbas que ameaçavam com sua barbárie a sociedade, as massas, no atual contexto de sociedade se encontram dentro: dissolvendo o tecido das relações de poder, erodindo a cultura, desintegrando a velha ordem. A emergência das massas é percebida como a chave do início da democracia moderna. Martin-Barbero analisa a massa a partir de um conceito psicológico:

[...] os indivíduos, por mais diferentes que seja seu modo de vida, suas ocupações ou seus caráter, estão dotados de uma alma coletiva que lhes faz comportar-se de maneira completamente diferente de como se comportaria cada indivíduo isoladamente. (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 56-57)

O autor cita Le Bon para problematizar a mobilização das massas. A alma coletiva da massa desconhece autoridade, violam leis, causam a desordem porque representa o retorno ao estado primitivo, no qual as inibições morais desaparecem e afetividade e o instinto passam a dominar. Há nessa afirmação uma divisão de classes, que situa as pessoas em estratos distintos na sociedade. Nesse sentido, a cultura de massa se constitui como a primeira a possibilitar a comunicação entre as diferentes camadas sociais da sociedade. (MARTIN-BARBERO, 2009).

A função mediadora é realizada pelos meios de comunicação de massa: “nem a família, nem a escola – velhos redutos da ideologia – são já o espaço-chave da socialização.” (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 66). Os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade, que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma metamorfose dos aspectos morais das pessoas. A partir do posicionamento teórico apresentado, volta-se ao filme *O Bem Amado* para estabelecer um posicionamento dialógico entre os pensadores que estudam as massas e sua presença na sociedade, para então verificar como as massas agem na sociedade. Começando pelo posicionamento de Maquiavel, escrito no período renascentista da história, observa-se que o imaginário de povo colado à ideia de ignorância ainda ressoa na sociedade pós-moderna. No filme, Vladimir, em diálogo com Neco Pedreira, afirma ser o povo de Sucupira ignorante, sem consciência e manipulável:

_ Como é possível o povo ter eleito Odorico?
_ E o povo sabe o que é certo ou errado? se soubesse não teria eleito esse canalha [Odorico].
_ Quanto pior a situação do povo, maior a sua disposição para lutar por mudanças.

(O Bem Amado, filme)

As falas do personagem em momentos distintos da narrativa apontam para uma visão reducionista e preconceituosa do povo, mas que se confirma em determinados momentos, principalmente quando o comunista Vladimir utiliza o jornal como uma arma contra o prefeito. Interessante observar que essas são falas de um indivíduo que não está no poder, e por isso, não tem compromisso com o povo. Ele serve apenas como instrumento de luta por mudanças.

O discurso jornalístico tem peso de autoridade e é detentor de um poder simbólico, pois detém o poder de produzir pontos de vistas sob o mundo. Essa influência é fundamental no filme para o conhecimento da verdade. Para Vladimir, o povo não consegue ver a verdade, cabendo ao jornal ser os olhos e o cérebro, ausentes na população. Os meios de comunicação são os responsáveis pelas maneiras de fazer e mudar o mundo, conduzindo as massas a seguirem a ideologia estabelecida pelo grupo dominante. Cientes dessas estratégias, Vladimir sinaliza “moral e política são coisas distintas” e, confirmando a fala do próprio Odorico, “em política os *finalmentes* justificam os não-obstantes.”

Em contrapartida, Odorico Paraguaçu, que quer se manter no poder a todo custo sabe que precisa do povo. Esse medo é percebido na tentativa vã de inaugurar o cemitério.

_ *Não podemos decepcionar o povo. (O Bem Amado, filme)*

Ele sonha permanecer nos braços do povo, solidificar a imagem do grande líder. No entanto, essa imagem é paulatinamente quebrada por Vladimir. O grande aliado do opositor de Odorico é o jornal da cidade. Classificado por Odorico como imprensa “marronzista”, A Trombeta exerce a função mediadora entre os ideais comunistas do partido de oposição ao governo e a população pobre e sofredora, afetada pela má administração de Odorico. O desfecho não poderia ser diferente, a população vai às ruas novamente exigir punição a Odorico, justificando o pensamento de Martin-Barbero, o qual afirma que a massa deixou de significar anonimato, passividade e conformismo. No filme, o povo se junta em torno de ideais de libertação e reescreve a história de Sucupira.

Essa demonstração de força do povo sinaliza para outro questionamento: relação entre poder e saber na sociedade. Para dar conta dessa compreensão, busca-se em Michel Foucault o embasamento teórico necessário ao tema. Para Foucault (2009), a questão do poder deve ser pensado como um instrumento de análise capaz de explicar a produção de saberes. O poder não é pensado como algo unitário e global, mas como formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. Ele é uma prática social, construída historicamente.

Para o filósofo, o Estado não representa o órgão central e único do poder; há uma rede de poderes nas sociedades modernas, os quais não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. “Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras.” (FOUCAULT, 2009, p. XIV). O poder não existe. O que existem são práticas ou relações de poder. Ele não está situado em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento do poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar. Foucault afirma que onde há poder, há resistência e acrescenta: “não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.” (FOUCAULT, 2009, p. XIV)

Apesar da sua relação de força, que liga o poder à guerra, o filósofo não acredita numa concepção negativa onde o poder está relacionado à repressão do aparelho do estado. Foucault não acredita no poder como um aspecto negativo. Há um lado positivo, produtivo, transformador: “o poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade.” (FOUCAULT, 2009, p. XVI). Assim, pode-se afirmar que o poder produz saberes. Não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder.

No filme, as relações de poder estão presentes nos embates da tríade formada na trama: o povo, Odorico (Situação) e Vladimir (Oposição). A população sai às ruas motivadas pelos mesmos desejos de mudança, gritando uma só voz:

_ *O povo está cansado, não quer ser enganado. (O Bem Amado – filme)*

Este grito de ordem sinaliza o desejo de mudança do povo de Sucupira. Eles são revestidos de poder, porque a escolha dos líderes políticos está em suas mãos. O povo sabe que a peça principal da engrenagem política é ele mesmo. Fazendo uma reflexão a cerca do papel da mídia no desencadeamento das ações da população, percebe-se que os discursos veiculados pelo jornal A trombeta influenciaram o modo como o povo de Sucupira passou a ver e perceber a realidade social. O objetivo de Vladimir é claramente percebido no filme: trata-se de um jogo de poder que busca influenciar e seduzir as massas, para modificar e transformar comportamentos e promover embates em favor de suas pretensões políticas. Entretanto, conhecer a verdade não significou agenciamento, mas um instrumento de luta. O saber proporcionado pelas notícias divulgadas nos jornais desperta o povo para a luta. Isso significa

que as mudanças não vêm dos grupos dominantes, mas do povo, que analisando sua situação individualmente, age com uma alma coletiva.

Considerações Finais

A análise feita da obra *O Bem Amado*, adaptado para o cinema, sob a perspectiva da presença do povo no destino dos personagens apontou a ambivalência presente nos meios de comunicação. A mídia é instrumento de manipulação, mas também serve como elo entre a população e os fatos que acontecem na sociedade, servindo também como um instrumento de emancipação do povo.

O povo de Sucupira é tomado neste estudo como o microcosmo da nação, pois representa a vontade de luta dos cidadãos brasileiros em estabelecer uma sociedade sem corrupção, livre de governantes que utilizam do poder do discurso para manipular aqueles que não o detêm. Os meios de comunicação possibilitaram uma visibilidade e conhecimento de verdades que não podem ser postas como únicas, mas que devem ser vistas a partir de uma visão ampla dos grupos sociais e lutas ideológicas presentes na sociedade. Assim, a própria verdade é confrontada com outras verdades e, nesse embate, o povo percebe seu papel no destino do espaço onde vive.

Referências

ARRAES, Guel. **O Bem Amado [filme]**. Produtora Paula Lavigne. Comédia. Brasil: Disney, 2010. DVD, 107 min.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BORGES, Noelia. **Film Adaptation: J.B. Keane's *The Field* on screen**, UFBA, 2010.

_____. **The national and the transnational on the adaptation of Joseph O' Connor's *Red Roses and Petrol* on screen**. UFBA, 2011

CORSEUIL, Anelise Reich. Literatura e Cinema. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Toeria Literária: Abordagens Históricas e tendências Contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

STAM, Robert. **A Literatura através do Cinema**: realismo, mágica e a arte da adaptação. Trad. Marie-Anne Kremer; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.